

SHOWS
75

JUAREZ FONSECA

Não se poderia desejar mais

Oito não é um grande número, mas é um bom número e a gente lembrar que antes os cartazes internacionais não desciam a lé aqui. Também é verdade que entre esses oito houve algumas obviedades, como Johnny Mathis, Billy Paul, Harold Melvin and The Blue Notes, Glória Gaynor, representando um estilo de consumo mais imediato e, os três últimos, aproveitando o grande sucesso comercial do soul music, martelada no rádio o dia inteiro. Mas houve o jazz e a voz de Sarah Vaughan, que já esteve aqui outras vezes, houve o jazz progressivo europeu da Mild Maniac Orchestra, o grupo do guitarrista alemão Volker Kriegel, trabalhando em estilo livre e como o percussionista brasileiro Djalma Correa. Houve rock'n'roll de Bill Haley e seus Comets, que fez sete mil pessoas dançarem no Gigantinho. E houve Rick Wakeman que apresentou, tranquilamente, o mais completo espetáculo do ano, em todos os níveis. Com seu grupo, o British Rock Ensemble, e a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, Rick fez subir o mesmo Gigantinho, produzindo um concerto tecnicamente tão perfeito, que treze mil pessoas foram para casa como se tivessem despertado de um sonho bom.

NACIONAIS

Num espaço de quinze dias de outubro, 25 mil pessoas assistiram Gilberto Gil, Jorge Mautner, Vinícius e Toquinho, Rita Lee, A Chave de Curitiba), mais os já citados Bill Haley e Johnny Mathis. Uma verdadeira inflação de shows, surpreendentemente bem sucedida. Foram os dias mais fervilhantes do ano, e, ao lado de Gil e Mautner, estiveram vários outros músicos, dentro do Festival da Primavera (uma realização da gaúcha Arcorfrís Produções): Belchior, Domingos, Luiza Maria, Walter Quirós, Hermes Aquino, Carlinhos Hartlieb, Mutuca Weyrauch e A Barra do Porto. No Festival, e em mais uma apresentação individual, Gil apresentou seu novo e brilhante trabalho de Refazenda, em sua visita anual a Porto Alegre. Ele e Mautner (que também fez duas apresentações, a primeira em junho) são dois dos maiores divulgadores das vibrações da cidade. Rita Lee, assediada por cerca de oito mil pessoas, reuniu o maior público do ano, dentro dos cartazes nacionais. Mas na verdade, em termos de público, só não se deram bem o grupo A Chave e o compositor-cantor Jards Macalé. Mesmo assim Macalé mostrou um espetáculo bellissimo e rico musicalmente.

A lista de grandes nomes continua com Milton Nascimento e o Som Imaginário. Ele é possivelmente o mais criativo e por isso músico brasileiro da atualidade. Se



apresentou aqui, foi ao interior e, na volta, se encontraram Gigantinho com Caetano Veloso, Gal Costa, João Donato, Caetano já divulgando seus dois últimos trabalhos, Jôia e Qualquer Coisa, que aparecem também como duas importantes manifestações de nossa música em 75. O Quinteto Violado, em sua melhor forma (e também lançando o elepê Folgado), fez três espetáculos no auditorio da Assembleia. Idem para Toquinho e Vinícius, que antes já haviam se apresentado no Gigantinho, ao lado de Nara Leão. Num show mais comercial e pouco expressivo, ainda estiveram no ginásio do Internacional, num mesmo dia, Wanderléia (muito boa), Benito di Paula, Trio Esperança, Sílvio Brito, Luiz Américo. No Teatro Leopoldina houve três dias de Marlene, voltando em grande estilo após o disco Te Pego pela Palavra, de espírito e repertório novos. No mesmo nível houve Martinho da Vila, um dos maiores vendedores de discos do país. E Ney Matogrosso, pela primeira vez aqui, com um show fantástico no União. Bem no início do ano, líder univ'ersitário Luiz Gonzaga Jr., lotando a Rectoria com sua música crua e amarga. Depois, para mais ou menos o mesmo público, Sérgio Ricardo, na Assembleia.

O rock, além de Rita Lee e Tutti Frutti, mais Luiza Maria (uma garota que está começando), teve a presença de duas das maiores bandas do Brasil, o Terço e os Mutantes, que tocaram (tanto como Bixo da Seda, no Gigantinho (que ganha fácil o título de local mais solicitado pelos grupos). Terço e Mutantes, com seu rock pesado e industrial, foram assistidos por cinco mil pessoas e mostraram a muita gente como anda o rock brasileiro, no ano em que começou a ser valorizado pelas gravações e pela televisão. As apresentações do rockeiro carioca Guilherme Lamounier, na Assembleia, tocando com alguns músicos do Bixo, não foi das mais expressivas. Mas, como tudo, aconteceu, e isso é importante. No total estiveram aqui em 75, aglutinando público e mostrando seus novos trabalhos, trinta nomes de cartaz nacional (sem contar os integrantes dos grupos que os acompanharam, alguns deles também muito valorizados, como Domingos, Bruce Henry, Mutinho, Moacyr Albuquerque, Perinho Albuquerque, Djalma Correa, Chiquinho Azavedo, Frederico, Aarão, Mirand, Nelson Jacobina e vários outros).

GAUCHOS

Antes houve algumas apresentações, mas vamos considerar que as Rodas de Som, a partir do dia 7 de março, definiram com força o chamado "movimento musical de

Porto Alegre". Na estréia das Rodas, começou sua trajetória definitiva o Bixo da Seda (hoje gravando seu primeiro elepê no Rio), colocando 200 pessoas por emidás nos 180 lugares do Teatro de Arena, enquanto 600, do lado de fora, imploravam para entrar, sem resultado favorável. As Rodas revelaram o Utopia, e final um dos grupos mais empolgantes de 75, revelaram o Inconsciente Coletivo, apresentaram as novas experiências e a nata da música feita no Porto, mesmo que em termos amadorísticos. Infelizmente duraram apenas treze sextas-feiras.

Depois das Rodas, uma criação de Carlinhos Hartlieb, foram importantíssimos dois espetáculos Vivendo a Vida de Lee. O primeiro reuniu doze atrações, superlotando o Cine Presidente; o segundo reuniu o número recorde de 18 grupos e músicos num auditorio Araújo Vianna também lotado. Nessas reuniões a gente pode ter uma visão mais geral de nosso som, do bom e do nem tanto, dos progressos feitos, da organização, da música caseira movimentando públicos fiéis e estudados. Em 1975 nasceu um novo público em Porto Alegre, garanhendo as promoções. Como citação, os shows de Mr. Lee mostraram: Inconsciente coletivo, Hermes Aquino, Almôndegas, Gil Gerson (desaque: o único gaúcho classificado para o festival Abertura); Utopia, Gilberto Travi e Cálculo 4, Ensaio, Wanderley Falkenberg, Bizarro, Emergência, Hatai-Hatai, Flor de Cactus (São Leopoldo), Metamorfose, Afro Sul, Grupo Latino, Status 4, Fernando Ribeiro, Emergência, Mantra, Mercado Livre, Zacarias, Em Palpos de Aranha.

Muitos desses apresentaram-se ainda individualmente ou abrindo shows de outros. Estruturados como as duas maiores forças do rock gaúcho, o Utopia e o Bixo da Seda fizeram três espetáculos individuais. Num deles o Bixo serviu de trampolim para o show forte Bobo da Corte e também num deles o Utopia (como o Bobo) apresentou o Rea Blues, uma das últimas revelações do ano. Como show, foi marcante o trabalho de Em Palpos de Aranha, um grupo que reuniu alguns de nossos melhores músicos (Levitan, Ze Flávio, Chamimé, Gracina, Giba-Giba, Laurinho). Fizem espetáculos individuais, ainda, Mutuca Weyrauch e A Barra do Porto, Fernando Ribeiro, Carlinhos Hartlieb (com Mônica Schmidt e Nizinha Venturilla, ele criou M'Boia, um show de música e dança), o Emergência, o Ensaio. E cá no finalzinho do ano, duas outras estréias: o Academia de Dança e o Kariman, Hermes Aquino e seu grupo Iracé de Chamimé e Laurinho, não se apresentou individualmente, mas sua presença em diversos acontecimentos (Mr. Lee, Festival

da Primavera) foi importante porque definiu o como uma espécie de rockeiro bravo que faz a moçada dançar. A utilização de grupos e músicos gaúchos abrindo espetáculos nacionais e até internacionais (antes de Bill Haley tocar em Utopia, o Bizarro e o Inconsciente Coletivo) foi uma prova de que as coisas passaram a ser criadas e lançadas aqui mesmo e, acima de tudo, uma demonstração da força de nossa música, antes relegada a isoladíssimas e breves manifestações.

Todos esses grupos e músicos mencionados acima pode-se dizer que integram o "movimento", pois de uma certa forma inter-relacionam-se, ou através de apresentações conjuntas, ou "trabalhados" por um determinado número de pessoas que transa o dia a dia da música de Porto Alegre. Mas em novembro aconteceu um show do grupo Pentagrama, na Assembleia, voltando à cidade um ano depois de excursões pelo interior. E o Pentagrama é uma força, agora mais voltada para a música de regionalista. Outra força, que fez quatro apresentações no Teatro de Câmara, foi Os Tapes, talvez o mais importante grupo pesquisador do folk rock gaúcho e que teve um disco lançado pela gravadora Marco Pereira. Fora de Porto Alegre, e ainda dentro do regionalismo, a Califórnia da Canção, realizada em Uruguaiana, transbordou-se no mais vivo acontecimento do gênero no país (que tem muito poucos festivais folclóricos), revelando e projetando grupos e músicos, na busca de uma música popular gaúcha. Em seu gênero, também em novembro, o show do violonista Jessé Silva foi um acontecimento isolado, mas muito bonito. Já o sambão, a seresta, as manifestações da música boêmia, preferiram permanecer nos bares e boates do que sair para os auditórios. Fechando o círculo, tanto dentro de possíveis classificações como música pop, música popular brasileira e música regionalista, em um repertório abrangente, o grupo Almôndegas lançou em novembro seu segundo elepê com quatro shows no Teatro Leopoldina. O Almôndegas funciona neste texto como um símbolo: foi o primeiro grupo moderno/urbano gaúcho que conseguiu gravar um disco, foi o desbravador, foi o grupo que chegou às rádios e aos compradores de discos, vendendo mais de 15 mil cópias de seu primeiro elepê e garantindo uma superedição para a sua segunda unidade. O Almôndegas é verdadeiramente o símbolo do novo movimento musical de Porto Alegre. Foi seu sucesso que estimulou muita gente a encetar a música com seriedade, foi seu sucesso que desperdiçou grande parte da atenção das gravações para a música feita no Rio Grande do Sul. Se 1976 for pelo menos parecido com 1975, será um ótimo ano.

RIO GRANDE



Os Tapes: mais que um simples conjunto ou grupo de músicos, um patrimônio da cidade

Os Tapes, gente que não renega seu chão

A pesquisa levou a um novo tipo de música regional e até a novos instrumentos musicais, feitos com taquara. Gilberto Rocha conta como Os Tapes chegaram ao sucesso.

A vida corria mansa, à beira da lagoa. Cidade de pouco acontecimento, de passado primitivo e glorioso, mas de presente pacato, arrastado e custoso de chegar ao futuro. De Tapes, a moçada da nova geração queria mesmo era ir embora, chegar na cidade grande, tirar diploma e virar doutor. Com o Cláudio foi assim. Deixou na terra as lembranças e caiu no mundo. Estudou a História, se formou professor e viajou pro exterior. Só que com o moço se dava diferente: quanto mais se afastava do pago natal, mais a saudade apertava. Foi assim que, não resistindo e passando por louco, largou da carreira de doutor historiador e veio morar em Tapes. Dele, só possuía as idéias e a alma de cantador. Isso foi o suficiente para que

no devagar do acontecer local fosse, pouco a pouco, se formando o grupo musical que hoje representa uma das principais tendências musicais do Sul: Os Tapes.

No difícil retorno à cidade, de sobrevivência ameaçada, nada ajudava mais a passar o tempo do que os encontros com o primo Waldir. Os dois tinham coisas comuns: o amor pela música e uma insatisfação ante o que vinha acontecendo na música regionalista. Ambos de violão em punho, voz e pensamento afinado, diálogo perfeito que logo foi se estendendo a uma roda de amigos. Ninguém pensava em formar um grupo, mas logo foi se formando uma identidade, uma maneira de pensar as coisas, de tentar encontrar novos cami-

nhos musicais, de falar uma linguagem mais verdadeira e honesta.

A música regionalista vinha se repetindo e qualquer composição, mesmo de péssima inspiração, era imposta ao povo com a garantia de ser regionalismo, folclore ou tradicionalismo.

Entre tantos ismos os moços preferiam ficar de fora da confusão e encontrar uma saída própria. O gosto pela música do pampa e as origens do próprio local, foram fornecendo a idéia. Ali mesmo, às margens da lagoa, viveram os verdadeiros donos da terra, gente índia, de costume, cultura e música próprios. Os moços queriam que a sua música lembrasse estes habitantes primitivos, sem rótulos ▶

Página 35

RIO GRANDE



Claudio a alma de santoral



Zélio, a voz e a flauta



Dario: a voz da gente jovem

o grupo se entendendo cada vez melhor, embora a intenção ainda fosse apenas a de reunir amigos.

Fora quando, de repente, se viu que já estava sem caminho. Sem saída, a moçada escolheu um nome e resolveu adotar a primeira aventura. O nome, de inspiração brasileira e simples, ficou sendo Os Tapes... mesmo, que como diz Claudio, "mas faziam de perto de uma atitude bem local".

Preparado para o desafio, o grupo inscreveu a música Vida, Como e Cantos de sem Fim, na Califórnia do Canção Nativa, em Los Angeles. Ergueu nota menos do que 25 minutos de música corada, nota inédita no festival, isso sem falar, é claro, no aspecto de muita gente ao ver a indústria...

não modificou a proposta inicial. A avaliação do grupo foi extremamente positiva e quase ao acaso. Foi assim, por que em Porto Alegre, que vive rodeavam uma proposta integrada uma temporada no Teatro de Câmara, foram 12 segundos depois de sucesso a muito interesse do público pelo novo formato musical que o grupo se propunha a trazer.

Em 1973, já conhecidos, Os Tapes voltaram a Califórnia. A música Pedro Garibaldi conquistou o público e o jazz. Os Tapes já formaram um grupo consagrado: era hora de gravar, fazer concertos e fazer um disco.

Normalmente tudo varia acontecido assim mesmo, mas este não era o caso dos Tapes. Mesmo depois do sucesso, eles voltaram a cidade de origem com uma única intenção: continuar trabalhando sem perceber que interesses comerciais desviassem a proposta inicial.

Não fora de repente, se viu que já estava sem caminho. Sem saída, a moçada escolheu um nome e resolveu adotar a primeira aventura. O nome, de inspiração brasileira e simples, ficou sendo Os Tapes... mesmo, que como diz Claudio, "mas faziam de perto de uma atitude bem local".

Preparado para o desafio, o grupo inscreveu a música Vida, Como e Cantos de sem Fim, na Califórnia do Canção Nativa, em Los Angeles. Ergueu nota menos do que 25 minutos de música corada, nota inédita no festival, isso sem falar, é claro, no aspecto de muita gente ao ver a indústria...

Normalmente tudo varia acontecido assim mesmo, mas este não era o caso dos Tapes. Mesmo depois do sucesso, eles voltaram a cidade de origem com uma única intenção: continuar trabalhando sem perceber que interesses comerciais desviassem a proposta inicial.



O trabalho para a gravação, e o trabalho finalizado. Os Tapes em um estúdio de gravação.

o trabalho para a gravação, e o trabalho finalizado. Os Tapes em um estúdio de gravação. Não fora de repente, se viu que já estava sem caminho. Sem saída, a moçada escolheu um nome e resolveu adotar a primeira aventura. O nome, de inspiração brasileira e simples, ficou sendo Os Tapes... mesmo, que como diz Claudio, "mas faziam de perto de uma atitude bem local".

Preparado para o desafio, o grupo inscreveu a música Vida, Como e Cantos de sem Fim, na Califórnia do Canção Nativa, em Los Angeles. Ergueu nota menos do que 25 minutos de música corada, nota inédita no festival, isso sem falar, é claro, no aspecto de muita gente ao ver a indústria...

Normalmente tudo varia acontecido assim mesmo, mas este não era o caso dos Tapes. Mesmo depois do sucesso, eles voltaram a cidade de origem com uma única intenção: continuar trabalhando sem perceber que interesses comerciais desviassem a proposta inicial.

Não fora de repente, se viu que já estava sem caminho. Sem saída, a moçada escolheu um nome e resolveu adotar a primeira aventura. O nome, de inspiração brasileira e simples, ficou sendo Os Tapes... mesmo, que como diz Claudio, "mas faziam de perto de uma atitude bem local".

Preparado para o desafio, o grupo inscreveu a música Vida, Como e Cantos de sem Fim, na Califórnia do Canção Nativa, em Los Angeles. Ergueu nota menos do que 25 minutos de música corada, nota inédita no festival, isso sem falar, é claro, no aspecto de muita gente ao ver a indústria...

Normalmente tudo varia acontecido assim mesmo, mas este não era o caso dos Tapes. Mesmo depois do sucesso, eles voltaram a cidade de origem com uma única intenção: continuar trabalhando sem perceber que interesses comerciais desviassem a proposta inicial.

Discos

Entre os melhores discos de 75, seis sugestões para férias.

Fagner/Ave Noturna



O cearense Raimundo Fagner, cercado de um competíssimo grupo de músicos (grupo *Vimana*, Paulo Moura, Copinha, Chico Bahera, Wagner Tiso, Toninho Horta, Robertinho (os três do *Som Imaginário*), Aluizio Milanes e muitos outros), num disco que foi uma das melhores novidades do ano passado, Fagner já tem uma longa estrada e não pode ser chamado de "Novo", embora *Ave Noturna* represente sua efetiva estréia. O som é uma forte e louca mistura, do amargor nordestino ("Eu sou igual ao lão triste/onde ninguém quer viver") à paranoia urbana de "Sul Maravilha" ("Não há calor na luz do sol/o fim da festa é uma certeza"). A escolher — de preferência todas — na voz dura de Fagner: *Refração Marrom* (Rodger/Fausto Nilo), *Estrada de Santana* (Petrúcio Maia/Brandão), *Antônio Conselheiro* (Bumba meu boi adaptado por Fagner), *Última Mentira* (Fagner/Capinam), *Ave Noturna* (Fagner/Cacá Diegues), *Fracasso* (Fagner), *A Palo Seco* (Beichior), *Astro Vagabundo* (Fagner/Fausto Nilo), *Bece dos Bateiros ou Papis de Chocolate* (Petrúcio/Brandão) e *Riacho do Navio* (Luiz Gonzaga/Zé Dantas). Um frecho da contudente *A Palo Seco*: "Tenho 25 anos de sonho e de sangue/ e de América do Sul/mas por força do meu destino/um tango argentino/me pega bem melhor que um blue/sei que assim falando/pensas/que esse desespero é moda em 73/eu quero é que esse canto/fôrto feito/faça/corte a carne de vocês". (Continental).

Adoniran Barbosa



O velho Adoniran Barbosa, em outra grande surpresa de 75, leva para as lojas o disco o som dos subúrbios paulistas, a poesia dos romances policiais. Cantor do bairro operário do Brás, criador de personagens incorporados à mitologia suburbana brasileira, como o *Arnesto* ("me corvidou/prum samba/ele mora no Brás/mês fuma não encontro ninguém..."), Adoniran fez um disco definitivamente antológico. No texto de contracapa, o filósofo Antônio Cândido fala da relação de Adoniran entre a antiga e provinciana São Paulo como atual cidade-caos, "esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantinas do Bexiga". E lembra toda a contribuição do compositor à linguagem brasileira, através de sua fidelidade à fala do povo. Adoniran Barbosa, descendente de italianos (daí o estranho sotaque já quase indelével), apresenta neste disco um fantástico e perfeito *Samba Italiano*, cantado nessa língua mesmo, com expressões e trejeitos humorísticos próprios do espírito da Itália transformada em imigrantes. Com sua voz rouca, seu chapuzinho, sua gravata borboleta, Adoniran ao mesmo tempo uma figura chaplinesca e feijuniana, uma personagem quase irreal, mas real e profundamente ligada ao povo. Num produção cuidada e honesta, o disco tem *No Morro da Casa Verde*, *Vide Verso Meu Endereco*, *Tocar na Banda*, *Malvina*, *Não Quero Entrar*, *Samba Italiano*, *Triste Margarida* (Samba do Metrô), *Mulher Patrão* e *Cachaça*, *Pafulça*, *O Samba do Arnesto*, *Conselho de*

Os Tapes/Canto da Gente



Quando estive no Rio Grande do Sul pesquisando material para a coleção *Música Popular do Sul*, Carolina Andrade, produtora da gravadora Marcus Pereira, deu de cara com *Os Tapes*. Foi de imediato à primeira ouvída, e mais do que a presença do grupo nos discos da coleção, ela e Marcus resolveram lançar umelepê que mostrasse uma parte quantitativa e qualitativamente mais expressiva dos *Tapes*. Diz Marcus: "Os Tapes cantam — com suas flautas primitivas e seus curiosos instrumentos fabricados com bambus e tapuaras — a música mais latino-americana já criada no Brasil. Já era tempo de o Brasil assumir o seu lugar na grande assembléia permanente da cultura popular da América Latina... Quando ouvimos a música *Dança da Lagoa do Sol*, verificamos ter descoberto algo de muito importante no processo dinâmico que deve ser a arte do povo". Pesquisando sobre o folclore gaúcho, sobre os sons nativos quichua e guarani, o grupo de Tapes conquistou realmente, em 75, um lugar importante na música folclórica brasileira. Claudio, Waldir, Acy, Jorge, Darcy, Tulo e Zezé apresentaram-se às segundas-feiras no Teatro de Câmara, onde se pode ouvir ao vivo a beleza de seu trabalho. Oelepê: além da maravilhosa *Dança da Lagoa do Sol*, tem *Carreta*, *Janaína*, *Versos Perplexos*, *Cheraçar* e *Apacuy*, *Gauchê*, *Homens de Preto* (de Paulo Ruschel), *Pedro Guarã* (vencedora da I Califórnia da Canção Nativa), *Barqueiro*, *Canto da Gente* e *Centenário Americano*. Um disco de se guardar. (Marcus Pereira).

Os Tapes e sua Peleia

Durante as últimas quatro segundas-feiras, o Teatro de Câmara foi a sede de um acontecimento de difícil definição, e que, por isso mesmo, restringi-lo a uma qualificação apenas de "altamente artístico e sensível" seria dizer muito pouco. Talvez que o comentário de um espectador, na última segunda-feira, defina melhor o que se podia ver e ouvir: "chega a ser emocionante", comentava ele para a companheira. E disse tudo. O espetáculo de Norton F. Correa e dos integrantes de "Os Tapes", "Não tá morto quem peleia", é das coisas mais importantes que já se produziram por aqui, e o fato de o Teatro de Câmara ter estado sempre lotado, alcançando nesta semana inclusive cerca de 300 espectadores (quando sua capacidade de lugares sentados é de 210), bem mostra o sucesso alcançado. Por isso, merecidamente, eles voltam dia 22, dia do folclore, para outro espetáculo que, desde já, recomendamos.

O primeiro aspecto que chama a atenção em "Não tá morto quem peleia", é a idealização do espetáculo. Acostumamos, já, ao esquema da projeção dos diapositivos sobre a tela branca, enquanto o artista atua às vistas do público. Aqui, os criadores modificaram o esquema, inovando-o. Assistimos a uma projeção visual de cerca de meia hora, com belos diapositivos, ao mesmo tempo em que as gravações originais realizadas nos locais em que os acontecimentos ainda se realizam, e depois montadas, são rodadas ao espectador. Coisas que avultam destes testemunhos singelos e tão objetivos: "hoje é tudo só comércio", comenta um velho morador ao lembrar como se improvisava os bailes com os gaiteiros. Efetivamente, a divisão e a especialização profissional do trabalho que o sistema capitalista implantou entre nós conseguiu isso: transformou tudo num comércio triste e automático. Por isso, não temos mais polcas e mazurcas, e o apelo que um jovem faz, "vamo está junto pra não pará", vindo sobretudo de um jovem, é importante. Neste sentido, é significativo o título do espetáculo. As tantas teorias que se têm aplicado à chamada cultura erudita, e que recebem denominações gerais de "contra resistência" ou "contra dependência", encontram aqui a sua melhor exemplificação. Da pobreza do meio social, da simplicidade dos trajes, da adaptação necessária dos usos, por absoluta falta de numerário para roupas e adereços, vai-se transmitindo gradualmente ao espectador a imensa riqueza deste povo que, isolado, marginalizado, esquecido, esbulhado, por governos, políticos e senhores de terra, ainda mantém as suas raízes e defendem o aprendizado que a tradição lhes deixou.

Lembrei-me muito, no decorrer deste "Não tá morto quem peleia", do velho "Rodeio Coringa" de Darci Fagundes e Luiz Menezes, e que ainda hoje continua; dos programas dominicais de Paixão Côrtes; de bailes e festas que, através da colônia alemã, já pude conhecer. E enquanto admirava a tentativa de recriação das vozes anônimas populares que idealmente e interpretam estas manifestações culturais, enquanto acompanhava a variedade do instrumental que a cada espetáculo "Os Tapes" nos mostram, dos indígenas aos nossos camponeses e imigrantes, escravos e pescadores, vendo a versatilidade com que cada músico-cantor se desempenha de sua tarefa, acompanhando o solo de pandeiro do "Bugio", ou o movimento da "Marcha do Emboaba" ou da "Vanera", dava-me conta de pequenas inspirações poucas vezes mencionadas: do "Serrote" mostrado, lembrei-me logo de "Não aperta, Aparicio", criado por José Mendes, já falecido. Por vezes, feita aos nossos homens da comunicação de massa a sensibilidade e o reconhecimento que o artista popular merece, e sua citação na inspiração da peça folclórica.

Não é isso, porém, o que ocorre com "Os Tapes". O que melhor define este espetáculo é a sua seriedade. Talvez por isso mesmo ele possa vir a desagradar a quem esperava "um show". Porque se trata sobretudo de uma mostra: "Os Tapes" humildemente colocam-se a serviço das raízes que querem divulgar. Ele não as usam, eles as servem. Daí a inteligência, por exemplo, com que interrompem as composições populares que adaptaram ao espetáculo: eles não pretendem ter-nas apresentadas "in totum", mas apenas parcialmente, como se dissessem: quem quiser mais, quem quiser conhecê-las por inteiro, que vá até o povo que as gerou. Outrossim, a abdicação da harmonia extraordinária que o grupo possui, e que retorna durante vários momentos do espetáculo, mostra a pesquisa de um som o mais possível próximo daquele originalmente pesquisado. E por isso, para que esta seriedade ficasse patenteada, e para que, sobretudo, ficasse claro o respeito que "Os Tapes" têm pela terra, eles mostraram cada fonte em que se inspiraram, e depois o seu trabalho.

Como disse o apresentador, ao final do espetáculo, "Os Tapes" souberam colocar o seu município no mapa emotivo do Brasil. Diríamos que "Os Tapes" souberam devolver à música regionalista e às raízes populares do gaúcho e do Rio Grande do Sul, o respeito e a seriedade que décadas de perturbação haviam roubados. — Antonio Hohlfeldt

Alguém pode considerar bobagem, provincianismo ou qualquer outra coisa parecida, mas eu sou gaúcho mesmo, gosto de nativismo, e sinto orgulho em poder comentar, ao lado de um disco de Noel Guarany, um disco de Os Tapes. Principalmente porque ambos têm grande significação. Não Tá Morto Quem Peleia, show apresentado em Porto Alegre em 79 e em boa parte transposto para o disco, dá uma panorâmica não apenas do importante trabalho folclórico que Os Tapes desenvolve, como da variedade e riqueza do folclore gaúcho especificado em uma região, como da grande qualidade e densidade do trabalho desenvolvido pelo próprio grupo em si. No texto da capa interna do disco, Os Tapes dizem que Não Tá Morto Quem Peleia "não é, nem pode ser percebido como preocupação com o que morreu, com o folclórico. Seus verdadeiros autores continuam vivos. Vivos, apesar de tudo, em palavras, sons e idéias". Quero dizer que não concordo, como nessa frase, que se continue usando a palavra "folclórico" (mesmo entre aspas) como sinônimo de coisa morta. Folclore é uma confecção, uma manifestação diária do povo, e aliás o próprio disco se encarrega de mostrar isso, contradizendo a frase. Mas tudo bem, é apenas uma observação. A verdade é que Não Tá Morto Quem Peleia é um trabalho elogiável. Partindo da região na qual se inclui a cidade de Tapes, e de onde emergiu e emerge o material de fascinante expressão popular deste disco, Os Tapes demonstram, com irrecusável nitidez, que o Rio Grande do Sul é mesmo um Estado de riquíssima raiz cultural. E nesse sentido, especialmente porque o disco se concentra em uma região que não é tão grande assim, temos uma noção exata de como é ampla, diversificada essa raiz. Não Tá Morto Quem Peleia, além da qualidade de recriação e interpretação que faz de Os Tapes um dos mais "profissionais" dos grupos "amadores" deste País, é um trabalho de cristalino significado didático. O texto de capa explica, não preciso especificar, mas lá estão expostos os tratamentos que a região dá a ritmos como o bugio, a vanera, o serrote (forma quase extinta), a rancheira, a milonga, o chote inglês, a mazurca, que têm como autores os frutos da terra e, como filtros, a competência instrumental de Os Tapes. No disco, os títulos das faixas são os nomes dos próprios ritmos. Também do domínio público, são as Cantigas do Quicumbi, as Cantigas do Maçambique (autos populares de origem cultural africana), o Terno-de-Reis de Tapes, as Trovas. E o trabalho se completa com a personificação de autores, que ao mesmo tempo em que é uma reverência de Os Tapes aos homens que são e fazem o folclore sem pensar nele, é também uma prova definitiva de que não se pode encarar folclore como "coisa do passado", porque o folclore se faz no aqui e no agora. São canções deliciosas a Marcha do Emboaba

Os Tapes:

*folclore,
aqui e agora*



(composta no fim do século passado por Corrêa da Cunha), a valsa Dores de Camaquã (de Arlindo do Carmo), o dobrado Trinta Anos (composto há quase 50 por João Prass e Jorge Raab), o Terno-de-Reis da Vila (de João Gonçalves Montenegro). O primeiro disco de Os Tapes foi feito integralmente de composições de seus integrantes; neste, como se vê, o grupo mergulhou na manifestação do coletivo. Não Tá Morto Quem Peleia foi produzido por Norton Corrêa e é, mesmo, um magnífico trabalho de amor à terra e à música como expressão funda dos sentimentos do povo. Gravado em Porto Alegre, nos estúdios da ISAEC, o disco é lançamento Marcus Pereira, que em 77 lançou o álbum de estréia de Os Tapes, Canto da Gente. Duas observações finais: infelizmente está faltando na capa a formação de músicos que gravou o trabalho. E, "seus", Tapes, eliminem esse acento no A, que aparece no disco. Marcus Pereira disse que colocou o acento porque a língua inglesa "é muito prestigiada nesta nossa terra". Mas eu acho que não há nenhum perigo em vocês serem chamados de "Teipes". Tápes, assim com acento, não tem nada a ver. Não é mesmo? ★ ★ ★ ★ ★

**Textos de
Juarez
Fonseca**

Onde o Brasil descobre a América Latina: Música da Região Sul

O GLOBO ☆ 23-9-75



Na próxima semana, a música popular brasileira será enriquecida pelo lançamento da *Coleção da Região Sul*, de Marcus Pereira. Nos quatro elepês, resultados de pesquisas no interior do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, está documentada a cultura musical do povo, em faixas que variam da *chula* ao *landango*, da *milonga* aos *ditos populares*. Mas a maior contribuição da coleção talvez seja, entretanto, a de mostrar ao resto do País que é no sul que o Brasil encontra a América Latina.

Quichua e Guarani

Na contra-capa de seu novo lançamento, Marcus Pereira explica que, no sul, o contrabando se faz de forma impune: através da troca de cultura e arte. Na realidade, é precisamente isso que se vê na maioria das faixas da coleção. Nos cantadores incultos do interior, surge um Brasil índio, um Brasil quase andino, um Brasil verdadeiramente integrado no continente sul-americano.

Expressões índias e espanholas se misturam ao português, criando um novo idioma, que ultrapassa as fronteiras do sul. Palavras como *solito*, *mano*, *prenda* são usadas normalmente, num casamento tão perfeito das duas culturas que, para o ouvinte, parece que os dois idiomas jamais estiveram separados. E, ligada a essa miscigenação de culturas, outra grande descoberta: o conjunto *Os Tapes*, um grupo de jovens que trabalha e faz música por prazer, numa cidadezinha da qual roubaram o nome. Apresentados em diversas faixas da coleção, é na *Dança da Lagoa do Sol*, principalmente, que se pode ouvir a perfeita mistura das flautas primitivas, no uso de instrumentos quichuas e guaranis, em que a percussão é feita com bambus das mais diferentes bitolas.

Mas a coleção não pára aí. No primeiro elepê, a primeira faixa é histórica: Moisés Mondadori toca o *Boi Barroso*, lembrando a gravação original que fez de sua música, em 1914. Apenas um dado triste: para tocar o *Boi Barroso*, Mondadori foi obrigado a pedir emprestada sua velha sanfona; as dificuldades financeiras haviam forçado sua venda, um ano antes.

Declamação e landango

Uma novidade introduzida na Coleção Sul é a documentação da poesia popular, através dos declamadores. *Pedro Ninguém*, de Lui Menezes, é um retrato do homem do interior do sul e torna-se impossível ouvi-lo sem lembrar o

Pedro Nadie do outro lado da fronteira. No terreno da improvisação, Jaime Caetano Braum informa a todos nós o que é o *Galpão* para o riograndense: oito varas fincadas, cobertas de folhas, sob as quais o gaúcho vive, conversa, se abriga, canta, se emociona.

Para quem não conhece a *chula*, difícil é acreditar que toda a percussão, nessa dança, é feita através do sapateado. Usando botas de materiais diferentes, Cláudio Lazarotto consegue os mais diversos sons, enquanto as esporas imitam, com perfeição, o ruído dos pandeiros.

No Paraná, a ênfase é no *landango*, possivelmente o gênero mais nacional do folclore brasileiro. Nesse caso, gravar os sapateadores quase chega a ser um problema: o som dos pés nas tábuas especiais encobria a música, e, segundo a produtora Carolina Andrade, foi necessário levar a dança para o fundo do salão, para que os microfones pudessem captar os demais instrumentos.

A volta de Elis

Os *Cantos de Trabalho*, as *Danças dos Arcos* e o *Terno de Reis* documentam aspectos inteiramente novos da cultura catarinense, mostrando, em alguns casos, o encontro das mais diferentes origens étnicas em torno dos mesmos problemas (nos *Cantos*) ou das mesmas crenças (*Reis*).

Mas os temas preferidos talvez ainda sejam os gaúchos. Além das declamações, pode-se ouvir os *Causos*, as *milongas*, e, ainda, a revelação de um compositor morto ano passado: Paulo Ruschel. A toada *Roda e Carreta* e a cena *Os homens de Preto* comovem o ouvinte, como o comove *Potro sem dono*, de Paulo Portela Fagundes. De emoção em emoção consegue-se ouvir os quatro elepês seguidos. E, quando tudo acaba, fica quase uma vontade de que houvesse mais.

Não há qualquer dúvida sobre a validade dos trabalhos anteriores: as coleções das regiões Nordeste e Centro-Oeste/Sudeste foram da maior importância para a cultura brasileira. Entretanto, essa importância torna-se ainda maior nos resultados obtidos pelas pesquisas na região Sul. E, além de tudo, a *Coleção da Região Sul* é básica, também, para a nossa música: ela nos devolve Elis Regina interpretando algumas das mais belas faixas do primeiro elepê (particularmente, *Os Homens de Preto*) com uma força e uma garra que jamais demonstrara possuir.



Os Tapes: pesquisas e instrumentos para refazer a música dos índios

O canto do sul

A voz roufenha, mas ainda decidida, misto de sotaques gaúcho e italiano, grita ao microfone, como se falasse para longínquos discos de cera: "Eu, Moisés Mondadori, gravei o 'Boi Barroso' em 1914, por primeira vez. Entrei na fábrica de discos Gaúcho, em Porto Alegre, na avenida Sergipe n.º 9. Finalmente fiquei gerente das prensas. Depois gravava e trabalhava lá, fazendo discos para Saverio Leonetti, dono da fábrica Saverio Leonetti naquele tempo. Tava com

18 anos, mas agora, com 80 anos, toco e gravo também". Outra voz, mais trêmula, de Dorvalino Pereira dos Santos, 72 anos, garante ter sido "capelão de terço, rezado, cantado e chorado" — para depois atacar uma dorida oração solitária: "Uma incelência, minha Virgem do Rosário/Que do vosso ventre se abriu no sacrário".

Tais preciosidades fazem parte da série de quatro álbuns, idealizados pela gravadora Marcus Pereira, com o nome "Música Popular do Sul". Trata-se da terceira etapa de um alentado trabalho que se destina a cobrir b mapa do

folclore nacional. A série foi iniciada há dois anos com "Música Popular do Nordeste" e depois "Música Popular do Centro-Oeste/Sudeste".

Livro cultural — Produzidos por Carolina Andrade, mulher de Marcus Pereira, que em suas andanças pelo sul encontrou grupos como Os Tapes (veja o quadro), os quatro álbuns (64 faixas) de "Música Popular do Sul" podem ser comprados separadamente. E chegam esta semana às lojas simultaneamente ao último feito do intrépido e incansável Pereira. Pois, apesar do invariável aplauso da crítica, os discos de sua gravadora estavam longe de bater recordes de vendagem. A situação da empresa, difícil, passou a periclitante.

O próprio Pereira admite: "Eu estava, digamos, morrendo. Mas todo agoniante tem uma energia repentina. A vizinhança da morte é criativa". E ele partiu para uma última e desesperada tentativa de sobrevivência. Solicitou ajuda à Financiadora de Estudos e Pesquisas (Finep), órgão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e subordinado à Secretaria Especial do Planejamento, até então ocupado em financiar apenas ciência e tecnologia. "Para convencê-los, usei a analogia. Nossa atividade é semelhante à pesquisa científica — só que no campo cultural. Ao estudar o folclore, redescobrimos valores culturais desconhecidos da maioria dos brasileiros. Ao gravar, isso se torna objeto de consu-

Os Tapes, nobres descendentes da tribo tupi

Cem quilômetros ao sul de Porto Alegre, serenamente plantada na beira do Saco de Tapes, um extenso braço da lagoa dos Patos, a cidade de Tapes manteve, na última década, a mesma população de 7 000 habitantes e o mesmo aspecto de vila sossegada. Agora, porém, a modorrenta Tapes ganha súbita notoriedade graças a um grupo de músicos que sequer ousava sonhar com o reconhecimento extramunicipal de seu dedicado trabalho.

Descoberto por Carolina Andrade durante suas andanças à cata de material para a coleção "Música Popular do Sul", o conjunto Os Tapes não só ganhou destaque nos álbuns como também gravou seu próprio LP. O feito certamente tornará mais animadas e concorridas as apresentações que o grupo faz semanalmente num galpão de alvenaria adaptado para sala de concertos.

Os espetáculos recebem o nome de

"Sexta-Som" e nada se cobra pela entrada. "Quando estamos muito a perigo, pedimos uma contribuição de 2 cruzeiros. Em dia de casa lotada, dá pra recolher uns 150", conta José Waldir Garcia, 31 anos, funcionário público e hábil tocador de violão, viola, cavaquinho e flauta.

De qualquer forma, a bilheteria não parece nada importante nos saraus de Os Tapes. Muito antes das 21 horas, já o fogão de lenha esquenta a chaleira para o mate que depois circulará, democrático, em imensa cuia lavrada. Qualquer músico da região tem o inalienável direito de mostrar sua arte. E, após o show, serve-se uma galinhada preparada pelas célebres mãos da dona Maria, 62 anos, ex-parteira rural e agora mentora musical dos Pequenos Pescadores, um coral de quatro garotos. Para encerrar o espetáculo, ou ágape, oferece-se a sobremesa — ambrósia.

TUMBAQUARA — Nem só de guloseimas, contudo, nutrem-se os três músicos que compõem o núcleo básico dos Tapes. Além de Garcia, atuam seu primo Cláudio, 31 anos (percussão, violão, flauta, composição e vocal), e Manuel

Acy Terres Vieira, de 26 anos, que também compõe, canta, toca viola e percussão.

Com a ajuda de mais nove elementos, quatro dos quais participam apenas das pesquisas, Os Tapes existem há quatro anos, inteiramente dedicados ao levantamento das raízes da cultura regional gaúcha, um trabalho que freqüentemente os leva a períodos anteriores à colonização estrangeira. Ou, como prefere dizer Garcia, "desde sua origem pré-colombiana". A reconstituição de sons indígenas, por exemplo, exige que a criatividade do grupo alcance os próprios instrumentos. Vários deles foram criados a partir de informações sobre os originais. É o caso da tumbaquara, feita de taquaras grossas abertas na face superior e tocadas com baquetas. Ou da taquareira, construída com taquaras finas, tocadas com baquetas revestidas de esponja na ponta.

Estranhos e rústicos instrumentos, ideais para musicar os temas indígenas, os mesmos, aliás, que inspiram o nome do conjunto — Tapes, uma tribo de índios tupis, habitantes do centro do Rio Grande do Sul.

mo, traz lucro cultural para o Brasil, financeiro para o artista e comercial para as empresas que o exploram. Com tal argumentação, esmiuçada e documentada ao longo de duas horas de reunião com dirigentes da Finep, Marcus Pereira convenceu o Comitê de Julgamento de Projetos e recebeu uma verba de 5,6 milhões de cruzeiros, a serem pagos em sete anos.

Letras épicas — Do ponto de vista artístico, a coleção "Música Popular do Sul" também profana saudavelmente alguns mitos entronizados do folclore gaúcho. Por exemplo, a cantora Elis Regina, com seu timbre afiado de ex-bossanovista, entoa o secular "Boi Barroso". Com audácia, "Música Popular do Sul" parece ter seguido as lições de beira de estrada, repetidas por "Milonga do Contrabando".

O primeiro álbum, dedicado a compositores e intérpretes gaúchos, como Os Tapes, mistura a canção missioneira ("Tiaraju"), mazurca ("Vacariana"), valsa ("Parati") e polquinha de galpão ("O Gaúcho"). São letras quase sempre épicas, celebrando os feitos dos vaqueiros ou seus ancestrais indígenas. Nas canções urbanas, na maioria gravadas por uma Elis Regina compenetrada, os versos geralmente evocam o passado: "Porto Alegre dos Casais/Saudade dos tempos que não vêm mais" ("Porto dos Casais").

Corda de arame — No segundo disco, ligam-se milongas, cantos religiosos e missionários, além de músicas de inspiração indígena. As milongas parecem ritmadas pelo trote das montarias, outro tema freqüente nas músicas sulistas, enquanto as letras continuam comemorando heroísmos, quase declamados: "Peço perdão aos senhores/A minha churra linguagem/Pois nela eu trago a imagem/Do pampa de muitos anos" ("Filosofia de Gaudério").

O folclore catarinense, colecionado no volume 3, vai do "Boi de Mamão" (versão de bumba-meu-boi) às danças do pau de fita, semelhante às do folclore do Peru e da Venezuela. Por último, no quarto álbum, estão reunidas as danças, "gênero cênico", segundo Marcus Pereira. Onde o galpão em que se reúnem os vaqueiros do sul representa o palco que o coreto e o terreiro desempenham nos limites centro-oeste da música brasileira. Há principalmente fandangos paranaenses, por Manequinho da Viola e seus companheiros da ilha de Valadares, Paraná — cantigas sob a percussão de sapateado, exaltando temas locais ("Anu", "Queromana"). Acompanham os fandangos, geralmente, duas violas, uma rabeca e um adufe (instrumento de percussão), fabricados a canivete, da caxeta, madeira fácil de encontrar no litoral, resistente "porque não

pega bicho". As violas têm cinco cordas duplas e uma corda de arame — que, conforme a cor (branca ou amarela), emitem sons diversos, em freqüentes rasqueados, duelando com os curtos solos, improvisados, das rabecas.

Quase sempre considerado pobre, em relação às outras regiões, a nordeste em especial, o folclore sulista destes quatro álbuns se revela polifônico e rico, desmentindo os parcos e monocórdios êxitos solitários de Teixeira ("Coração de Luto"), José Mendes ("Pára, Pedro") ou Conjunto Farroupilha. A propósito, além do célebre "Negrinho do Pastoreio", registre-se a ausência em "Música Popular do Sul" de "Prenda Minha", aliás, "Song Number Two", como a rebatizou seu súbito e mais recente autor, um certo Miles Davis.

cesa que, sob o selo Disjuncta, lançou o disco "Fiction Musicale" em toda a Europa e nos Estados Unidos.

Assim, quase repentinamente, ganhou força a união de Falcão com seus três companheiros, o violonista e compositor Lourival Silvestre, de 25 anos, a flautista Sílvia Beraldo, de 22, e a vocalista francesa Valerie Kling, de 25. Eles se conheceram no final do ano passado em Paris, onde cada um trabalhava isoladamente. Ao decidirem juntar suas experiências, definiram também sua meta — "pesquisar sons, instrumentos, melodias populares brasileiras".

A batalha — Eles mesmos não sabem como rotular de maneira menos genérica o trabalho que realizam. "É uma coisa nova, até mesmo para nós", con-



Ficção Musical: em vez de fórmulas mágicas, saídas criativas

Jogo de sons

Fernando Falcão, um paraibano de 30 anos, percussionista e compositor, definitivamente não conseguia mais se expressar através de instrumentos tradicionais. E passou a inventar novos. Como o balauê, uma espécie de berimbau com três cabaças metálicas. Criou depois, em parceria com o escultor francês François Lalaine, a "bicicleta musical", capaz, segundo ele, de emitir "sons maravilhosos". Finalmente, partiu para a apoteose: o projeto de uma praça pública sonora, para crianças. Vários brinquedos que, acionados, produzirão sons. A medida, por exemplo, que um menino vai descendo pelo escorregador, diversas notas musicais comporão a trilha de seu deslizar.

A idéia, diz o autor, comoveu o governo de Israel, que estaria disposto a colocá-la em prática. Em todo caso, enquanto espera, Falcão se dedica ao Ficção Musical, um grupo surgido em janeiro deste ano em Paris, e imediatamente abençoado por uma gravadora fran-

fessa Silvestre, mineiro de Belo Horizonte. "De vanguarda? Talvez, mas sem aquela ambição de se estar à frente dos outros. Quando surgem dificuldades, preferimos a saída criativa em vez de qualquer fórmula mágica preestabelecida."

No Brasil há dois meses, o Ficção Musical já fez duas apresentações, no Festival de Música Nova de Santos e no Palácio das Artes de Belo Horizonte. E, enquanto preparam seu *debut oficial*, provavelmente este mês, no Museu de Arte Moderna do Rio, ensaiam e estudam. "Agora, vamos sair para a batalha", anuncia Silvestre, autor, juntamente com Falcão, de "Chevrolet Sabor Cocco", "O Princípio É o Impulso", "Goodbye Vilma" e das outras três dezenas de composições que o grupo tem prontas para mostrar. Provavelmente com o concurso de dois outros músicos, a pianista Maria Amélia Martins e o contra-baixista Iúri Popov. Ambos tocaram no concerto de Belo Horizonte e devem integrar a equipe doravante. "Música é um jogo de sons", conceitua Silvestre. "Cada um impõe as suas regras."

MÚSICA POPULAR | J. R. Tinhorão

Jornal do Brasil 14/10/75

A BOA-NOVA

SULINA DE

"OS TAPES"

O Brasil tem dessas surpresas. Ao realizar suas pesquisas musicais de Santa Catarina até o Rio Grande, preocupado em reunir material para sua série Música Popular do Sul, Marcos Pereira foi encontrar na pequena cidade gaúcha de Tapes, a 100 quilômetros de Porto Alegre, um conjunto de jovens comerciários e funcionários públicos tocando numa velha casa transformada em teatro. Os oito rapazes andavam todos pela casa dos vinte anos, e a música que produziam — sem ter ligações imediatas com os estilos tradicionalmente reconhecidos como a "música gaúcha" — apresentavam paradoxalmente um caráter em tudo e por tudo regional, com seus estranhos sons impregnados de influência indígena sul-americana.

Convidados a gravar em São Paulo algumas faixas para os quatro discos da série Música do Sul, os jovens do conjunto Os Tapes acabaram passando três dias inteiros fechados no estúdio de Rogério Duprat, o que resultou numa fita com todo o repertório atual do grupo, e onde há desde toadas a la Geraldo Vandré, até zotes, canções e milongas da mais imprevisível novidade, pela execução instrumental.

Uma seleção de 11 músicas tiradas dessa fita está sendo lançada agora por Discos Marcos Pereira num long play que leva o nome do conjunto, Os Tapes (MPI — 1 029), permitindo ao público tomar conhecimento do resultado de uma das mais bem sucedidas experiências levadas a efeito no campo da música popular brasileira, desde a criação do Quinteto Armorial por Ariano Suassuna, em Pernambuco.

Alheios às sugestões da música internacional, atualmente imposta aos atuais maridos enganados do som universal das grandes cidades, os rapazes do conjunto Os Tapes procuram o seu som em instrumentos estranhos, que eles mesmos fabricam, e que vão desde flautas de Pan feitas de taquara e tantãs até originalíssimas taquarinas e tumbaquaras, estas últimas constituídas por seções de taquaras enormes, em que o ritmista tira sons doces e abajados, batendo sobre as bocas acústicas com baquetas providas de esponjas de lavar pratos na ponta.

Os oito componentes de Os Tapes — Cláudio (flauta composta e violão), Waldir (violão, viola, flauta), Beto (bombo), Aey (viola, violão), Jorge (violão, flauta composta), Darcy (acordeão, percussão), Tuio (taquarina, tumbaquara) e Zesé (flauta, percussão) — não se revelam cantores muito harmoniosos (ao menos no sentido em que se apresentam grupos como o MPB4) mas, em compensação, suas vozes algo rudes servem de fundo a uma das mais criativas realizações instrumentais.

Das 11 faixas do LP, pelo menos sete não podem deixar de ser ouvidas — Dança da Lagoa do Sol, Cheraçar Y Apacuy (ambas no lado A), Homens de Preto, Pedro Guará, Continente Americano e, principalmente, Canto da Gente — o que não é pouco, considerando que, na maioria dos casos, os atuais LPs de música popular, bem espremidos, mal dariam um compacto.

Essa boa música do conjunto Os Tapes, no entanto, exatamente por ser feita fora do contexto comercial, paga um preço: o de não ser tocada nas rádios. Portanto, não deixe de tomar conhecimento do disco.

DISCOS

O xerox e a esperança

**Criaturas da Noite, O Terço (Underground/Capacabana)
Conto da Gente, Os Tapes (Discos
Marcus Pereira)**

A pista foi fornecida por Tárrik de Souza, numa conversa sobre as causas da patética desorientação que reina entre os chamados grupos de rock brasileiro. Como era possível que conjuntos com longos anos de experiência individual ou comum e muitas boas tentativas no sentido de encontrar uma linguagem própria, autônoma, tenham descaído para a música malféfica, anêmica cópia *verox*? Observação de Tárrik: "É simples. Durante seus primeiros anos, seus anos de formação mesmo, eles foram influenciados naturalmente, foram acumulando informações e tentando criar em cima disso. De repente, a partir mais ou menos do início desta década, houve uma invasão maciça de rock internacional, numa proporção que não havia antes. O produto era bem-feito demais, a tentação da cópia era irresistível. Depois, as platéias no-

vas só conheciam o som desses grupos internacionais, só tinham esse padrão. Os conjuntos brasileiros viram que havia uma defasagem entre eles e suas possíveis platéias. Daí à cópia, é inevitável".

Amontoado desconexo - No caso, o discutido era o retrocesso flagrante dos Mutantes, um dos grupos mais corrosivamente promissores do período 67/68, e hoje um pálido carbono do Yes. Mas a explicação pode valer para todos os companheiros de geração dos irmãos Baptista. Pode valer para Rita Lee, ela mesma uma ex-Mutante. E pode valer para o Terço, outra sólida promessa da segunda fase dos festivais (*Tributo ao Sorriso, Adomececi*) e, ultimamente, um amontoado desconexo de influências.

No entanto, com a energia que só a experiência na estrada e no palco podem dar, o Terço parece estar dando a volta por cima, fe-

chando um ciclo e/ou começando outro. Este é seu terceiro álbum, e sua terceira formação. Do grupo original só restou o guitarrista Sérgio Hindis, mas pelo menos dois de seus companheiros, Sérgio Magrão e Luiz Moreno, baixo e bateria, compartilham com ele tempo de serviço e formação musical: rock dos anos 60, um pouco de jazz, uma folha de serviços nos palcos cariocas (Magrão e Moreno integraram o infelizmente abortado e inedito Faia um dos primeiros grupos a tentar uma criação original no rock), nos estúdios de *jingles* e na banda de apoio de Sil & Guarabyra. O tecladista Flávio Venturini foi descoberto "entre os amigos mineiros de Milton Nascimento, a turma do Beto Guedes, Lô Borges". Talvez em parte por isso, por contar com um elemento "de fora", (que assim, quatro das oito composições do álbum) é que o Terço de *Criaturas da Noite* seja uma enti-

dade tão diferente do amontoado de *verox* que prolifera pelos palcos brasileiros.

Esgotada elicheria - Não é um disco excepcional, como o Terço não é uma banda excepcional (a não ser em termos de popularidade, realmente arrasadora). Noventa por cento das letras são absolutamente irrisórias. (A única exceção é a faixa-título, letrada por Luis Carlos Sá). Metade das faixas se compõem da esgotada elicheria rock repetida com a mesma falta de originalidade dos demais congêneres nativos (inclusive a que parece ser o carro-chefe do álbum, a ambiciosa 1974, na verdade um amontoado de citações do Who de *Quadrophenia*, do Focus de *Hocus Pocus* e de Steve Howe do Yes). Mas restam exatamente quatro músicas muito boas - e esta é uma quota acima do normal em discos de rock brasileiros. Músicas como *Queimada* e *Jogo das Pedras*, usando sem vergonha o vio-

lão e a viola, temeridade só praticada em disco pelo marginal Arnaldo Baptista e pelo grupo Barca do Sol, aliás pouco ligado ao rock. Um tema instrumental bem acabado e executado com competência como *Ponto Final*. E a suave e delicada *Criaturas da Noite*, vestida na medida por um arranjo de Rogério Duprat. E, em todas as faixas, uma pericia instrumental e vocal bem superior à média dos rockeiros brasileiros, e um esforço sincero para obter uma linguagem própria.

Assim, num nível superficial, *Criaturas da Noite* é um álbum para tempos de crise de petróleo, um disco integrado na política de substituição de importações: rock brasileiro tão bom quanto o estrangeiro (vide o garbato da sofisticada capa de Antônio e André Pelicov, com letras, encarte etc.). Mas é um pouco mais que isso: é um disco de esperança. Um grão de esperança ainda, é certo. Mas é uma das coisas mais próximas de libertação, criatividade e originalidade que o pobre rock brasileiro já produziu nestes últimos tempos.

O Quichua e o Guarani - Quando o incansável Marcus Pereira

Opinião, 31 de outubro de 1975

mapeou musicalmente o Nordeste, descobriu o Quinteto Armorial para as distantes platéias do Sul (ou seja, os egocêntricos Rio e São Paulo, eternamente girando em torno de seus próprios umbigos). Agora, o mesmo sopro de força e vitalidade que assombrou os ouvintes do Armorial volta a provocar arrepios nas capitais culturais do país. Só que não vem do sempre longínquo Nordeste: vem justamente do Sul, das profundezas do Sul. E, mais que isso, vem do coração mesmo dessa América Latina sempre tão esquecida. Marcus Pereira conheceu os Tapes através de sua mulher Carolina Andrade, quando ela fazia o levantamento para a coleção *Música Popular do Sul*. É com um arrebatamento quase sentimental que ele descreve essa descoberta na contracapa do álbum: "Quando ouvimos, entre dezenas de fitas gravadas em nossa pesquisa do Sul, a música *Dança da Lagoa do Sol*, verificamos ter descoberto algo muito importante no processo dinâmico que deve ser a arte do povo. Os Tapes criaram, no Sul, um caminho que leva à música mais expressiva da América Latina o som nativo quichua e guarani. Pouco se sabe dos Tapes além do que Marcus Pereira conta: que eles são em número flutuante, concentrados em torno dos primos José Waldir e Cláudio Garcia (no álbum estão mais sete músicos). Que habitam a pacata cidade de Tapes, 7 mil habitantes; a 100 km de Porto Alegre. Que fazem sua música porque querem e gostam, mas não vivem dela - são comerciantes, bancários, funcionários públicos - e a pouca renda é obtida em bailes populares e nas mostras que organizam cada sexta-feira no galpão-teatro por eles alugado e reformado. Que pesquisam a música tupi, guarani, quichua; o folclore do pampa e as canções dos carreteiros e dos vaqueiros e constroem suas melodias em cima dessa vivência, com instrumentos simples e muitas vezes construídos por eles mesmos, com taquaras e couros. E, finalmente, que não queriam gravar disco algum porque, como explica Marcus Pereira, "as propostas de gravação envolviam concessões ao que se con-

vencionou chamar de música comercial."

Bela e forte - Assim, em primeiro lugar, os Tapes aparecem como uma contribuição substancial a um espontâneo e não organizado movimento de resistência e defesa às diluições baratas do consumo, tão corriqueiras no mercado musical brasileiro de hoje. Uma resistência que retoma o sentido primeiro da criação musical e a recoloca como meio de expressão, de comunicação de emoções e experiências, co-munhão de pessoas e idéias e não atividade mercantil para lucro de (muitos) terceiros que pouco ou nada têm a ver com música, criação ou expressão.

E, além disso, fazem música. Música bela e forte, intensa como toda experiência vivida profundamente. É uma música sincera, às vezes áspera para ouvidos do eixo Rio-São Paulo: acostumados a vocalizações bem-feitinhas e sons delicados. Como diria Macalé, o futuro da música brasileira está na *desafinação*. Os Tapes *desafinam* alegremente com suas vozes graves e cheias, as estridentes flautas de taquara, o obsessivo ritmo da dança indígena. É música alienígena, um grande quadro geral da cultura do Sul, do pampa, do espaço aberto. E, pela via comum do sangue índio, o grande painel latino-americano, enfim, esboçado em terras brasileiras. "Continente americano/coração gosto de sal/quantas noites de esperança/quantos séculos de distância", eles cantam em *Continente Americano*, faixa-fecho e resumo do álbum.

Mas há outros momento preciosos. A surpreendente sonoridade guarani, quichua, de *Dança da Lagoa do Sol*, *Gauchê* e *Cherachar Y Apacuc*. A plasticidade nervosa de *Homens de Preto*, retrato dinâmico do pampa. E a amplitude generosa e simples das milongas, com letras diretas, às vezes ingênuas, às vezes líricas: "És pasto amassado/és mate lavado/açude esgotado/és forno sem pão" (*Janaita*). É bom ouvir os Tapes, ao menos a título de informação. É bom observar o que sua simples existência está querendo dizer. (Ana Maria Bahiana)

Dois dias de música do sul, no Anhembi.



Painéis fotográficos instalados na entrada do Palácio das Convenções do Anhembi informarão ao público sobre o que todos irão ver e ouvir lá dentro. E as fotos não serão apenas dos artistas do espetáculo, quase todos desconhecidos, mas principalmente da região de onde vêm, de sua cultura, de suas tradições, de sua história. Com ingressos grátis (o que foi conseguido através da

participação da Secretaria Municipal de Cultura), o folclore da região Sul do Brasil será mostrado por seus autênticos criadores. Todos eles participaram da gravação dos quatro LPs da coleção Música Popular do Sul, da Discos Marcus Pereira, que será oficialmente lançada nos cinco shows programados para hoje (às 17,20 e 22h) e amanhã (às 17 e 21h).

Os espetáculos serão sempre iniciados por Jaime Caetano Braun, uma das figuras mais conhecidas do folclore do Sul, considerado o maior pajador (pajador de origem espanhola, que significa improvisador gaúcho de todos os tempos. Em seguida virão Os Tapes, que o produtor Marcus Pereira define como "os responsáveis pela inserção do Brasil na América Latina, do ponto de vista musical". Inezita Barroso é a terceira atração da primeira parte, encerrada pela dupla de cantadores Neneco e Zé Gomes.



Os Tapes: um levantamento das influências musicais de Rio Grande e do Grande Pampa, no Anhembi.

Os Tapes a música feita junto com o povo.

Seu nascimento oficial como grupo aconteceu em 1971, quando se organizaram para participar de um movimento musical que surgiu no Sul, a Califórnia da Canção Nativa, em Uruguiana. Mas os oito componentes do conjunto Os Tapes sempre tocaram juntos em sua cidade, também chamada Tapes, a 100 quilômetros de Porto Alegre e sem ligação direta por estrada com a capital gaúcha. Essa distância, se impediu que a pequena comunidade de sete mil habitantes se industrializasse, ao mesmo tempo fez também com que suas tradições e seus costumes fossem

preservados num estado de grande pureza.

A primeira música feita pelo grupo, "Reflexões de um Farrapo Anônimo Sobre a Revolução Farroupilha", durava 25 minutos, apresentando várias formas do folclore gaúcho. Foi também a maneira que Valdir (funcionário público) e Cláudio (professor) escolheram para mostrar sua intenção de "realizar um levantamento cronológico das influências musicais do Rio Grande e do Grande Pampa". Seu trabalho ganhou prêmio de pesquisa em Uruguiana e poucos meses depois Os Tapes faziam sua primeira apresentação em Porto Alegre. O contato com um público diferente ou com estudantes verdadeiramente interessados não mudou nossa forma de trabalho, explica Cláudio. Ele continua a ser feito da mesma maneira, e com as mesmas intenções. Nenhum de nós está preocupado com sua aceitação ou consumo, nem fazemos qualquer concessão no sentido

de tornar nosso trabalho mais "fácil" de ser assimilado. Mas vemos o folclore como uma coisa viva, e não imobilizada o que nos dá mais liberdade para a recriação.

Para Valdir, o líder do grupo, o primeiro LP dos Tapes (Canto da Gente) ou sua participação no álbum Música Popular do Sul, ambos lançados pelo produtor Marcus Pereira, não vai mudar sua forma de trabalho: "Vivemos numa cidadezinha onde o povo é muito próximo, não temos nem tempo para receber outras influências. O que sair da gente é da gente mesmo". O LP (já com três mil cópias vendidas, segundo Marcus Pereira) "é uma síntese de tudo que já fizemos".

No disco, Os Tapes recriam sobre fontes originais pesquisadas, "simplificando um pouco", diz Cláudio.

Nossa pesquisa é feita de dentro, afinal, nós já estamos lá. Não é como a de um sociólogo, que sai daqui e vai procurar coisas. Estu-

damos a cultura missioneira para, em função de um levantamento histórico e social, tentar um retorno sem retornar totalmente. As cidades não existem mais, a cultura foi desintegrada, mas permaneceram certos fluidos. Fizemos assim também com outras correntes a influência espanhola, a negra, a açoriana, com a música indígena. Ou de inspiração indígena, já que não há pautas ou outras formas de registro diretas.

Com o lançamento dos Tapes em disco, as pesquisas sobre a música missioneira e indígena ganharam um destaque maior por parte dos críticos, "embora isto não significa que o grupo vá se especializar numa ou noutra corrente", garante Cláudio. Criar segundo o gosto do público e uma coisa, criar uma coisa que o público gosta é outra", ele explica para dizer que o sucesso interessa, mas só nessa medida.

Em Tapes, sem qualquer

ajuda, o grupo construiu um teatrinho, onde se desenvolve suas pesquisas e até hoje toca com outros músicos da cidade. Fora de lá, todos se mantêm informados e em contatos com outros grupos latinos. Recentemente participaram de um festival em Córdoba, na Argentina. "Não fomos oficialmente", conta Acy (também professor), "mas acabamos tendo uma participação destacada depois que fizemos contatos com outros grupos".

Nos espetáculos de hoje e amanhã no Anhembi, Os Tapes vão se apresentar com Valdir (violão, viola, flauta e vocal), Beto (bombo e vocal), Zezé (flauta, percussão e vocal), Acy (violão, viola, vocal), Cláudio (violão, vocal, flautas compostas), Jorge (violão, viola, flautas compostas, vocal), Darcy (acordeão, gaita de oito baixos, vocal e percussão) e Tuio (tumbaquara, taquareira e porongada — todos instrumentos criados pelo grupo, a partir de pesquisas).

SHOW



Os Nobos Baianos fazem duas sessões hoje e uma amanhã, no Bandeirantes

Os horários e informações são fornecidos pelas companhias

MÚSICA POPULAR DO SUL — Jaime Caetano Braun, pajador, mostra improviso sobre música e costumes do Rio Grande do Sul. Os Tapes cantam, "Continente Americano", "Pedro Guarani" e "Canto da Gente". Inezita Barroso: "Os Homens de Preto", "Roda Correta" e "Cancho Relat". Neneco e Zé Gomes: "Cigarro de Palha" e "Parati". Na segunda parte do espetáculo, Noel Guarani: "Chamarrita Sem Fronteira" e "Paião Sem Donor". Os Tapes: "Dança da Lagoa do Sul", "Cheragar y Aparcy" e Cláudio Lazarrato e Jorge Karom, mostram a chula. **PALACIO DAS CONVENÇÕES** (Anhembi). Hoje, às 17,20 e 22h. Amanhã, às 17 e 21h. Ingressos grátis. Promoção do Secretariado de Cultura. Somente hoje a amanhã. (Mais informações nesta página).

UM DIPLOMA DE PRATA PARA O DR. FORRÓ — Com Odair Cabeça de Poeta e o Grupo Capote. Músicas de Tonizé e Odair, Jackson do Pandeiro e Elias Soares, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira e Garduinha. Às 20h. Ingressos: Cr\$10,00 e Cr\$5,00 para alunos da Escola. **ACADEMIA DE CAPOEIRA CAPIÃES D'AREIA** (r. Victoria Corimão, 172) — ass. com Al. Nithman). Somente hoje.

GRUPO PAPA POLÍTIÇÃO E TIAGO ARARIPE — Paulinho do Capote (vocal e guitarra), José Luiz Perna (vocal, violão), Chico

O índio Noel Guarani

O poeta Caetano Braun

Gente

SUPLEMENTO ESPECIAL DE ÚLTIMA HORA PÁGINA 12 SÁBADO/DOMINGO 8 E 9 DE NOVEMBRO DE 1975

EXPLORAÇÃO GAÚCHA



Aqui, eletrônica não anula: 14 Instrumentação artesanal.



Dos repentistas nativos, os versos improvisados.

Os Tapes: "Queremos ser terra".

Neste fim de semana eles estarão no Anhembi, participando do lançamento da coleção "Música Popular do Sul", produzida pela Marcus Pereira. São oito rapazes mostrando as raízes do folclore sulino. Lembrando as missões jesuítas, identificando-se com os índios, eles cantam e falam através dos instrumentos de sopro e percussão de todo o potencial da terra, dos pampas, dos repentistas, milongas e rancheiras.

Tem três professores — dois deles rurais — e um funcionário público, mas boa parte dos Tapes é mesmo estudantes. Mocós, todos. Se bem que o Cláudio, sempre que diz alguma coisa, aparenta a idade indefinida das pessoas que gostam de ficar horas e horas estudando suas origens. Entre um gole e outro do chimarrão que não pára de rodar pela sala, ele comenta: "Sabe, queremos ser terra e para isso temos a sorte de viver em Tapes, uma cidadezinha de apenas sete mil habitantes, encravada no meio rural; assim, longe dos centros urbanos e tomando chimarrão, nós temos a oportunidade de conviver com a riqueza do folclore que nos cerca."

Cláudio explica que não utilizam nenhum instrumento eletrônico, "pois nossa intenção é justamente nos despojar do instrumental eletrônico e buscar na matéria prima, que a região onde vivemos nos oferece, a concepção dos instrumentos que usamos. Desta forma, pretendemos nos colocar na mesma situação dos índios, diante do mesmo problema. Dal aprendermos que a nossa música é "música de inspiração indígena".

Então os mocós, mundos de feita, tempo e, eventualmente, um ferro quente que é para furar o bambu e transformá-lo em flauta ou outro instrumento qualquer, foram criando instrumentos de sons estranhos, batizados com nomes igualmente locuazes: Tumbaquara, Taquarera, Pongada. O "artesanato" dos Tapes, como era a intenção do grupo, é feito com material recolhido no meio do mato: porongos (cabaca), taquaras (bambu), troncos de cinamomo e outras árvores. Afinal, eles querem ser terra.

A bem dizer, os Tapes não foram criados assim, de maneira intencional: "nós simplesmente acontecemos." Mas para que eles acontecessem, é claro que deveria haver uma certa identidade inicial entre aqueles cinco mocós que gostavam de tocar juntos as milongas, rancheiras e rasqueados. Essa identidade, além do gosto comum pela música "pampeana", já mais longe ainda; eles sempre gostaram de ouvir repentistas nativos, improvisando seus versos em disputadíssimas trovas — os desafios gaúchos — e escutar com a maior atenção os "causos" incríveis que peões de estância costumam contar ao pé do fogo. Resumindo: os Tapes sempre estiveram muito ligados às coisas de sua terra.

Essa vontade de fazer música regional gaúcha juntos brotou aí por volta de 1971. No ano seguinte, 72, acontecia a 1.ª Califórnia da Canção, em Uruguaiana. E um festival que reúne conjuntos de música folclórica do sul, de todas as tendências. Os Tapes venceram esse festival com a milonga "Pedro Guarani", "Pedro Velho", outra composição do grupo, ficou em oitavo lugar. No fim, outra música deles, "Funeral Guarani", embora não tenha se classificado entre as 12 que comportam o LP do festival, acabou ganhando uma faixa do disco porque um dos grupos na hora da gravação acabou não aparecendo. Hoje em dia, apenas dois Tapes, dos cinco que in-

claram o conjunto, ainda permanecem: o Waldir, que é funcionário público e o Cláudio, o professor rural. Este, na hora das entrevistas, faz às vezes de mentor intelectual da turma, que conta com 11 elementos; mas apenas 8 se apresentam no palco.

Agora, neste fim de semana, Os Tapes estarão se apresentando no Anhembi, durante o lançamento da coleção "Música Popular do Sul", produzida por Marcus Pereira. Em seguida, eles irão para o Rio, onde se apresentarão já na segunda-feira, no teatro João Caetano. Planos? Um LP, só deles, que também será produzido por Marcus Pereira; já tem até nome escolhido: "Canto Nosso". E, no Rio, provavelmente manterão contatos com a Globo para uma futura apresentação no "Fantástico".

Mas toda essa movimentação, eles garantem, não significa que o grupo já esteja pensando em termos profissionalizantes. Nada disso, Cláudio, por exemplo, por nada no mundo largaria sua escola rural. O que Os Tapes pretendem, isso sim, é explorar mais e mais as potencialidades do folclore musical gaúcho que, como se sabe, se baseia, quase que exclusivamente, num acordeon e num violão, mas é pobre em ritmo. Daí, a preocupação do grupo em tirar o máximo proveito dos sons produzidos pelos seus estranhos instrumentos de sopro e percussão.

Quanto à pesquisa, eles confessam que é basicamente fruto da convivência diária com gaiteros, sanfoneiros e repentistas que a toda hora, lá em Tapes, manifestam espontaneamente sua arte.

Mas para isso, evidentemente, precisamos criar uma estrutura: inclusive financeira. Aí sim, poderemos estudar o que foi a cultura missioneira, base das nossas músicas de inspiração indígena, pois não podemos, como gaúchos ignorar mais de cem anos de processo civilizatório bastante avançado que, de repente foi varrido do mapa.

Mas Os Tapes não estão preocupados apenas com a herança indígena na cultura gaúcha. Eles pretendem ir mais longe. Querem estudar a contribuição de outros elementos como o imigrante, o argentino (e, por extensão, o platino) e, inclusive, as marcas que deixou a própria influência do elemento negro que, em determinada época, na região de Tapes, chegou a constituir mais do que o dobro da população local.

Pesquisas à parte, assim que regressarem ao Rio Grande do Sul, Os Tapes voltarão a se reunir todas as sextas-feiras, no festinho que o pessoal criou. Esse teatrinho tem uma única função: possibilitar a troca de experiências entre o grupo e os folcloristas locais que sempre aparecem por lá, para apresentarem suas últimas criações. Ou cantarem, de memória, antigas "marcas" transmitidas de geração em geração. Isso tudo, é claro, entre bons tragos de chimarrão bem quente, que esse não pode faltar.

José Paulo Borges



"Nós simplesmente acontecemos."

SOM GAÚCHO

Foto: J. Ferreira da Silva



Os Tâpes são do Sul e provam que fazer boa música popular não é privilégio do Nordeste.

O nome, eles pediram emprestado à pequena cidade onde se formaram: Tâpes, no Rio Grande do Sul. A ambição maior: mostrar uma arte bastante característica, a música inspirada na herança indígena e nos padres missionários. Assim são os oito simpáticos integrantes de um conjunto que toca e canta, apenas preocupado em ser fiel a suas raízes populares, sem se deixar envolver por modismos, nem ganhar dinheiro à custa da comercialização de um som que nada teria de autêntico.

Por isso é que eles não eram conhecidos no Brasil, ficando restritos ao pequeno teatro que eles mesmos montaram em sua pequena cidade. Até que foram descobertos pela Marcus Pereira, uma gravadora que respeita os valores artísticos e que nunca lhes pediria para botar uma guitarra ou baixo elétrico na música, só para agradar às platéias das grandes cidades. Os Tâpes participaram das gravações da excelente coleção *Música Popular do Sul*, ao lado de Elis Regina, Noel Guarany, Inezita Barroso e outros. Logo depois gravaram seu próprio LP, *Canto da Gente*.

Comparar Os Tâpes com outros conjuntos, mesmo que sejam regionais, é impossível, não existe outro igual. O que talvez se pudesse dizer é que eles são uma espécie de Quinteto Violado do Sul. Não pelos instrumentos que usam ou o tom de voz, mas pela persistência em fazer uma arte verdadeiramente brasileira, sem concessões. ●



**Os maiores
astros
e estrelas
nas melhores
fotonovelas
do mundo.**

CAPRICHO



**DÊ PARA VOCÊ MESMO
UM 76 MAIS ELEGANTE.
CINTA EMAGRECEDORA KAUFMAN.**

Ano Novo, vida nova. Comece 1976 com o firme propósito de ser mais elegante. Sem esforço e sem regime.

A Cinta Kaufman Internacional Térmica é a mais nova técnica suíça para eliminar a barriga, as gorduras e a celulite. Fácil de usar, proporciona também alívio imediato para dores de espinha, bico de papagaio e reumatismo.

Testada com sucesso no mundo inteiro.

OFERTA DE NATAL: \$ 120,00

Demonstração e Vendas:

F. 32-7034

Av. Liberdade, 91 13.º - s/135



Grátis esta Touca Térmica que amacia e dá brilho aos seus cabelos

Entregas a domicílio ou pelo reembolso postal
ESTÉTICA IMP. E COM. DE APARELHOS ELETRÔNICOS LTDA.
Caixa Postal 21.419 C.E.P. 04602
São Paulo - SP

favor remeter unidades 110 220
nome
endereço
cidade est
zona postal
C.P.

"Estado de Minas"
10/01/76

MÚSICA POPULAR

Duas obras primas

Carlos FELIPE

Nada melhor do que começar o ano de pé direito, diz o povo. Para isto mesmo, em nossa primeira coluna de 76, temos à nossa frente dois discos excepcionais, daqueles que honram a discografia brasileira e as gravadoras que os lançaram.

São dois Lps em que não há jeito de colocar defeito nem reparo e aqueles que gostam de música popular brasileira têm por obrigação ouvi-los, prestar atenção e depois ficar calados por longo tempo, meditando e procurando saber a razão porque nossas gravadoras não produzem destas obras primas com mais frequência.

Com toda a honestidade, temos à nossa frente duas obras primas.

A primeira é "Nordeste, cordel, repente, canção" e nasceu de uma pesquisa feita por Tânia Quaresma no Nordeste, a fim de fazer um filme. À medida que sua pesquisa avançava, Tânia foi descobrindo um novo mundo, em que cantadores, repentistas, violeiros, ceguinhos teiman, corajosamente, resistir a uma época cada vez mais massificada e maquinizada, impedindo, pelo menos entre eles, a morte da cultura nacional às mãos do que vem de fora, como vem, infelizmente, acontecendo na maior parte do País.

O resultado foi um filme lindo, mas ao lado dele a Tapeçar, numa atitude que só a honra, resolveu também fazer um disco e das 15h de pesquisa gravada, numa produção da própria Tânia Quaresma, surgiram os 40 minutos de "Nordeste, cordel, repente, canção", sob a direção técnica do competente Aluizio Falcão.

Não destacamos nenhuma faixa. Todas são excelentes e os artistas são gente do povo, cantando com simplicidade e numa pureza que até ~~envergonha a gente, acostumada aos maneirismos~~ vocálicos e corporais da maior parte de nossos cantores e intérpretes.

Somos apresentados ao Cego Oliveira (70 anos de idade) e que pede a outras pessoas lerem os romances para que ele possa decorá-los e musicá-los em sua rabequinha feita à mão; os cantadores Olho de Gato, Manoel José, Pedro Bandeira, os repentistas Zé Ramalho e Lula Cortez, Santinha e Misael, Diniz Vitorino e Silveira e os meninos cantadores Caju (12 anos) e Castanha (7 anos).

E com eles vamos ouvir "O verdadeiro romance de João do Calais", uma lenda medieval que continua viva no Nordeste e levada para a literatura de cordel por João José da Silva, "A Canonização do Padre Cicero", "O Grande Debate de Lampião com São Pedro", um improviso sobre a Princesa Isabel, um repente de viola, dois martelos agalopados, gênero de desafio nordestino, emboladas e toadas, tudo puro, tudo autêntico, tudo maravilhoso.

A outra obra-prima vem por conta da Gravadora Marcus Pereira. É o disco "Os Tapes". Estes "Tapes" formam um grupo de 11 rapazes, Waldir, Cláudio, Jorge, Acyr, Zezé, Tuio, Darcy, Beto, Silvio, Reni e Álvaro da cidade de Tapes. Por conta própria sem ajuda de ninguém, resolveram formar o grupo, (a fim de pesquisar as origens musicais e culturais de sua região, no Rio Grande do Sul, extraindo daí os motivos para suas canções.

Utilizando instrumentos rústicos, como flautas de bambu, porongos e estranhas peças de taquara, antigamente usadas pelos índios guaranis habitantes das Missões, Os Tapes recriam, em pleno século 20 a música daqueles tempos missionários.

Eles, porém, vão mais além, pesquisando a influência espanhola, a contribuição negra à música gaúcha e também a dos portugueses, principalmente açorianos, colocando todas estas raízes em suas canções.

E isto transforma os Tapes não apenas num grupo de música brasileira. Eles se tornam executores do mais legítimo cancionário latino-americano e em algumas faixas do disco, o ouvinte vai pensar estar escutando um grupo folclórico peruano ou boliviano ou paraguaio. Nada disto, o grupo é brasileiro e está sendo fiel às suas origens étnicas, pois foram estes componentes raciais que formaram o gaúcho.

O disco é maravilhoso e a gente se transplanta para as Missões em "Dança da Lagoa do Sol", vive os pampas em "Carreta", "Janaína", "Homens de preto", "Pedro Guará" e "Gaúcho", se sente ao pé do fogo em "Barqueiro", "Versos Perplexos", canta com os índios guaranis e se irmana com o resto da América Latina em "Continente americano".

Sinceramente, amigos, com os "Tapes" e "Nordeste, cordel, repente, canção", a discografia brasileira dá um salto e torcemos para que ela prossiga, mais vezes, neste caminho.

OTTEIRO

Este é o melhor som dos últimos tempos: "Os Tápes".

O conjunto, considerado o melhor do país em seu gênero, vem para três apresentações, duas na Ilha e uma em Palhoça. Hoje, amanhã e domingo, a partir das 21 horas, Hoje no DCEE.

Tápes é o nome da cidade onde eles nasceram e na qual vivem. Nas capas de discos e nos cartazes promocionais escrevem "Os Tápes" (com acento agudo) para evitar serem chamados, como muitas vezes já aconteceu, de "Os Teipes", numa rebuscada e improvável pronúncia inglesa. O grupo, Conjunto de Música Popular "Os Tápes", nasceu, há quatro anos, querendo criar sobre a base da cultura regional um exato trabalho de pesquisa e de divulgação da música nativa dos estados do Sul do Brasil.

Formado por três professores, três estudantes secundaristas, um universitário, dois técnicos de som e um funcionário da Prefeitura de Tápes, o conjunto tem conseguido fugir aos processos comerciais. Eles sempre acharam, e continuam achando, que "se for para entrarem nesse esquema, melhor será largar tudo, até mesmo este estágio de semi-profissionalização

em que se encontram, e voltarem às suas outras atividades, tendo a música apenas como "hobby".

CONSAGRAÇÃO

O interesse das gravadoras surgiu logo depois que eles começaram a aparecer e receber pedidos de apresentações no interior e mesmo em Porto Alegre. Como tinham muitas exigências e queriam gravar um LP só com músicas suas, as primeiras propostas não serviram. Até que, descoberto pela gravadora "Marcus Pereira" quando esta procedia as pesquisas para a composição de um álbum de música popular do Sul, vieram a gravar 10 faixas de um dos LPs dessa coleção, de quatro volumes.

A partir daí a consagração foi rápida. Conhecidos em todo o País, mencionados pela crítica e aplaudidos pelo público, tiveram sempre festejada a seriedade de seu trabalho e a pureza

de sua música. Independentemente disso, vêm desenvolvendo ainda as suas pesquisas no Rio Grande do Sul, procurando, cada vez mais, fundamentar a busca de uma música própria, onde a criação absorva toda a cultura regional e sintetize todas as influências que marcaram o Sul, "desde a concepção indígena até à hispânica".

INSTRUMENTOS

Explicando que sua música não é de laboratório, mas de vivência, de convívio e de identificação, "são vinculada a vida como deve ser a arte", eles admitem que andam continuamente à busca das raízes. "Imagine arrancar uma planta da terra e deixá-la pendurada no ar. O que acontece?", perguntam e depois vão contando de suas andanças, junto ao povo, para reencontrar canções primitivas, uma idéia que os leve a criar novos instrumentos ou o reesta-

belecimento de uns versos e um som perdido.

Waldin, Cláudio, Jorge, Darcy, Betinho, Túlio, Aey e Zezé fazem a música, Alvaro, Sívio e Reny cuidam das letras e da sonorização. Todos integram o conjunto e distribuem-se as suas diversas tarefas. Os músicos tocam violão, viola, flauta, acordeão, sanfona, bombo, tumbaquara, taquarera, porongada e outros instrumentos que eles mesmos vão criando. Além de vocalizar e atuar na percussão, conseguindo no todo o resultado de que, segundo já foi dito, "só eles são capazes".

ESPETÁCULOS

Hoje, às 21 horas, no DCE e dentro, ainda, da programação da "Semana do Calouro" (calouros não pagam e demais público paga Cr\$ 5,00). Amanhã, apresentação pública em Palhoça e domingo, novamente na Ilha - DCE, às 21 horas - com ingressos a Cr\$ 5,00.

Um som nativo. De índios e pássaros



Os Tapes: uma música totalmente latina, de raízes indígenas.

Na noite que antecedeu uma grande batalha entre os índios guaranis das reduções jesuíticas e os soldados espanhóis e portugueses, os guaranis, chefiados por Sepé Tiaraju, escaparam num voo. Sepé, preocupado com o batalhão, não pode dormir e, pensando nos companheiros feridos e nas mortes que ocorreriam no dia seguinte, chorou a noite inteira. E, no dia seguinte, quando os guaranis acordaram, havia se formado um rio das lágrimas de Sepé e, banhando-se nele, os feridos ficaram curados. Characy y Apocoy, em guerra, quer dizer "rio das lágrimas que chorou", lembrando a lenda de São Sepé. E é o nome de uma das músicas compostas pelos Tapes.

MALU MARANHÃO

Os Tapes são um grupo de oito rapazes, de Tapes, uma cidadezinha a 190 quilômetros de Porto Alegre, que se dedicam a pesquisa da música indígena, do que poderia ser o som guarani. Criando, eles próprios, os instrumentos, em busca do som dos índios que, segundo os primários europeus a chegar na região, "cantavam como pássaros". Das flautas de bambu, a taquaireira, eles tiram realmente um som pássaro. Mas usam também a kena e tocam o caventinho com uma afinação de charango. E uma nova proposta que eles apresentaram, através de uma música totalmente latina, o som nativo com a quichua e guarani, uma vez que as fronteiras políticas não são fronteiras culturais. A música do Sul é a mesma da América espanhola: as palçadas dos Tapes são as de Atahualpa Yupanqui — é famoso o seu "Fayado Perseguido". Como também as milongas, comuns a toda a região dos pampas, e a música missionária.

Esse novo som que vem do Sul está sendo descoberto agora pelo Brasil. E muito bem recebido. No Museu da Imagem e do Som, onde está se apresentando esta semana, os Tapes conseguiram estabelecer uma comunicação incrível com o público, que adorou e aplaudiu sua música. Movendo, incoastivo, várias crianças, prontos ao espetáculo, que praticamente dançavam nas cadeiras, ao som da música indígena-latina do conjunto.

Com seus largos jorches, tiras de couro na testa, botas e instrumentos como bombo, flautas, taquaireira, violão, kena, o grupo de rapazes — cuja média de idade é 22 anos —, depois de terminada a apresentação, foi cercado pelo público, que queria mais e mais explorações sobre a música.

AMADORES, MAS MUITO SÉRIOS
Cláudio Boeira Garcia, um professor de matemática que dá dez aulas por dia em Porto Alegre e, à noite, ainda tem disposição de ensaiar e compor com os outros, é o líder do grupo, tocando flauta composta e violão. Waldir, primo de Cláudio, toca violão, viola, flauta solo, kena e vocal. Beto toca os bombos, entalhados de tronco de uma árvore de charango, faz voz e percussão. Jorge toca viola, violão, flauta, acordeon e percussão. Tulio, taquaireira e tumbaquara e Zezé, percussão e flauta solo.

Todos eles são amadores. Têm outras profissões e ensaiam e se apresentam à noite num teatro de 140 lugares, que eles mesmos construíram, refo-

onde o pessoal de Tapes paga dois cruzetões, quando pode, para assisti-los. O conjunto existe há 5 anos. Porém somente no ano passado é que consentiram em gravar um disco, para a Marcus Pereira, como conta Cláudio.

— A gente recusou muitas propostas anteriores, porque não queríamos partir para um esquema comercial, nas bases que nos propunham. Mas, com Marcus Pereira, foi diferente. Ele estava pesquisando para uma série de quatro discos sobre Música Popular do Sul e, passando por Tapes, foi com Carolina Andrade assistir nosso espetáculo. Sentimos que ele pretendia fazer uma coisa realmente séria e honesta e, além de algumas músicas para esses discos, gravamos um só nosso.

"TAMBÉM SOMOS HERMANOS"
Há cinco anos, os Tapes estudam profundamente as raízes da música indígena e pesquisam sobre as reduções jesuíticas, como Sete Povos das Missões. Cláudio confessa-se fascinado pela organização social das reduções.

— Eles tinham conseguido criar uma sociedade perfeita, profundamente socialista, na base da troca, sem usar o dinheiro. Era uma comunidade perfeita, baseada na propriedade comum, onde tudo pertencia a todos. Alcançaram um alto nível cultural e sua música era, realmente, um canto de pássaros, perfeitamente identificada com a música quichua e aymarã andina. Inteligentemente, Portugal e Espanha juntaram seus exércitos para destruir essa sociedade perfeita e, de lá, restaram apenas ruínas.

Os Tapes não tem intenção de copiar a música indígena, e sim criar sobre os temas guaranis. Dança da Lagoa do Sol, por exemplo, é o que imaginam que seria um dia de festa entre os índios que habitavam a margem oriental das grandes lagoas, após uma pesca farta. O som latino dos Tapes — agora que, no Brasil, se descobriu a América Latina é inevitável. Porque, como sabem, o Rio Grande do Sul já fez parte da Banda Oriental do Uruguai e, não fossem os bandeirantes, até hoje pertenceria à América Espanhola. Mas não é só por isso que existe essa identificação, diz Cláudio.

— A gente realmente sente vergonha quando ouve uruguaios, argentinos, bolivianos falar. Porque eles dizem América num sentido muito amplo, tudo é América. Quando falamos sobre os povos dos outros países, chamamos de hermanos, apesar do orgulho que sentem por seus países. Hermanos somos nós, brasileiros, também. E, enquanto isso, o Brasil

faz uma questão enorme de se colocar à parte dentro da América Latina. Acho que já estava mesmo na hora dos brasileiros descobrirem que o Brasil faz parte da América Latina. Que existe uma cultura, raízes comuns a todos nós.

A DIVERSIFICAÇÃO MUSICAL

Nas suas pesquisas sobre as reduções, os Tapes se fixaram na figura de Sepé Tiaraju ("Tiaraju, em guarani, que dizer "luz do dia") um valente guerreiro, líder dos índios. Que, segundo muitos, pode ser comparado ao inca Tupac Amaru, na sua luta contra os espanhóis. Depois que Tiaraju morreu, junto ao arroio, Caigaité, dizem que voltou e seu espírito continuou a liderar os guaranis. Até hoje, ele é cultuado no Sul, como São Sepé.

— Sepé Tiaraju — diz Cláudio — é uma figura incrível, misto de lenda e realidade. Muito se tem dito e escrito sobre ele. No ano passado ainda, tomamos parte num seminário, realizado em Porto Alegre, sobre Sepé. Que, no fim, não chegou a conclusão nenhuma. Nós preferimos colocá-lo como parte do contexto histórico, cujo enfoque principal é perfeita organização social das reduções, um trabalho de jesuítas e guaranis.

Os Tapes fazem sua última apresentação em São Paulo neste domingo, no Mús. Depois, voltam ao Sul, onde apresentarão, em Porto Alegre, um show com músicas latinas, que, na realidade, são bem brasileiras.

— Ache maravilhoso — diz Cláudio — essa diversificação que existe no Brasil, um país que é metade de um continente. Quem escuta música do Nordeste e do Sul vai achar que uma não tem nada a ver com a outra e, no entanto, pertencem ao mesmo país.

Amnésia nordestina já é bem conhecida. Agora, chegou a vez da música do Sul, de raízes indígenas. Do Sul, de onde vem os Tapes, onde a palavra mais usada é Che, que, em guarani, significa "amigo".

